1.º ANNO — 1895
JUNHO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1895

N.º 6 — JUNHO 1895

VOZ DE S. ANTONIO

ABENÇOADA POR S. S. O PAPA LEÃO XIII

SUMMARIO

AN · M· DCCC · XCV, por J. Brunellius scripsit. — *A S. Antonio de Lisboa,* por S. Em.ª D. José Cardeal Patriarcha. — *Ad Lusitanos,* por S. Em.ª D. Dominicus Archiep. Tyrensis. — *A S Antonio,* por D. Antonio, Arcebispo Primaz. — *S. Antonio,* por D. A. Arcebispo-Bispo do Algarve. — *Santo Antonio entre os primeiros prelados,* por D. Gaudencio, Arcebispo-Bispo de Portalegre. — *Ave, Thaumaturgo!* por D. Augusto, Arcebispo d'Evora. — *Os amores de Santo Antonio,* por D. José, Bispo de Bragança. — *Um dever,* pelo Padre Roberto Maciel. — *S. Antonio de Lisboa,* por F. M. Alçada de Paiva. — *Lingua de oiro,* pelo Padre M. Guimarães. — *Um revolucionario!* pelo dr. A. Mendes Lages. — *Poesia,* pelo P. Joaquim José d'Abreu Campo Santo, S. J. — *Convento de S Antonio dos Olivaes,* por X. — *Hymno a Santo Antonio,* (musica) por Accacio Keller. — *Saint Antony,* por X. — *A Santo Antonio,* por Vicente Novaes. — *Santo Antonio,* (em grego). — *Santo Antonio,* por Costa Goodolphim. — *Carta* do snr. Mutenio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, conde da Redinha, *sobre a vida de S. Antonio.* — *Saint Antoine restaurateur de la patrie.* — *Aos operarios,* pelo Padre dr. Manuel Albuquerque. — *Mais um milagre,* pelo Padre João Affonso da Cunha Guimarães. — *Antonius von Lissabon,* por H. — *A Santo Antonio,* por J. Costa. — *Milagre que fez S. Antonio,* por P. Emilio Crivelli M. O. — *Noticia historica,* pelo dr. Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz. — *A San Antonio de Lisboa,* por Una Monja Clarisa.

Gravuras: Santo Antonio, menino do côro. — Arvore genealogica de S. Antonio. — Palacio dos Bulhões. — Sé Cathedral de Lisboa. — Egreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. — Convento de Santo Antonio dos Olivaes, proximo a Coimbra. — S. João e o menino Jesus.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

AO

PORTENTOSO THAUMATURGO DA EGREJA CATHOLICA

APOSTOLO DA CIVILISAÇÃO

DECORO DA RELIGIÃO SERAPHICA

INCLYTA GLORIA DE PORTUGAL

O GLORIOSISSIMO

S. ANTONIO DE LISBOA

No Setimo Centenario do seu Faustosissimo Nascimento

HOMENAGEM

Devotissima

Poetica — Litteraria — Polyglotta — Musical

DA

Voz de S. Antonio.

AN · M · DCCC · XCV

ORBIS · VNIVERSI
CATHOLICI · QVOTQVOT · ESTIS
VEL · IN · PRIMIS · LVSITANI · ET · ITALI
ADESTE · FAVETE · LAETITIA · FREMENTES

ANTONII · SANCTI

CVI · PADVANO · NOMEN · EST
QVI · ET · FERDINANDVS · ANTEA · VLYSSIPONENSIS
FESTA · AB · ORTV · EIVS · SAECVLARIA · SEPTIMVM
CELEBREMVS · VNANIMES

ANTONIVS · HIC · ILLE · EST

TOTIVS · REI · PVBLICAE · CHRISTIANAE
LVMEN · ET · PRAESIDIVM
FRANCISCI · PATRIS · FLOS · IN · PRIMIS · RECENS
DECVS · SODALITATIS · FRATRVM · MINORVM
ARCA · TESTAMENTI · HAERETICORVM · SVI · TEMPORIS
MALLEVS · SOLIDVS
A · PONTIFICIBVS · MAXIMIS · APPELLATVS
QVI · ET · PRAESTO · OMNIBVS · VBIQVE · GENTIVM
IN · SIGNIS · ET · PRODIGIIS · INNVMERIS
VSQVE · FVIT · ADHVC · EST
AVE · SANCTE · SALVE · TVTELA · PRAESENS
CHRISTIANORVM
QVO · DIE · TVVS · REDIT · NATALIS · AD · ARAS
IO TRIVMPHE! O SOL PVLCHER!
O LAVDANDE!
NON · SEMEL · DICEMVS

Perusiae
in Italia

J. Brunellius scripsit.

SANTO ANTONIO, MENINO DO CÔRO

A S. Antonio de Lisboa

Consumatus inbrevi explevit multa tempora!
Exultavit sicut Gigans!

CADA dia da sua vida encheu a vida de muitos santos.

E cada anno de prégação muitos seculos de maravilhosas conversões.

«Arca do Testamento» e «Martelo das heresias» o seu coração é um thesouro de sabedoria divina e a sua palavra espada de dois gúmes, que retalha de dôr e arrependimento e abrasa d'amor os corações; por isso todos os povos o proclamam Bemaventurado, e o seu culto se estende d'um ao outro hemispherio.

† *J. Card. Patriarcha.*

AD LUSITANOS

Septimo post natum Antonium Sæculo exeunt

ELEGIOLA

Regia gaude urbs, quam placido Tagus alluit amne ;
Plaudite concordi carmine, Lusiadae.
Septem volvuntur centenis orbibus anni
quo his fulgens oris Angelus emicuit.
Exortas dulces in vitae Antonius auras
Ultro offert Christo candida corda puer.
Junior exemplum Francisci insigne secutus
Sponsam arcto ducit fœdere pauperiem.
Afros inter avet pro Christo fundere vitam :
Nolentem Italiam dira procella vetuit.
Corda illic hominis virtus, Sapientia mentes
Obtinet, ac populos signa superna movent.
Italia in coelos abeuntis membra sepulchro
Contegit, et Paduae agnomine ab urbe vocat.
Fama volat totum Antoni vulgata per orbem,
Prodigia in templis picta tabella docet.
Ominor : hic surgat virtutum illi æmula pubes
Sucurrant patriæ fortia corda Suæ.
Lusitane aevi veteris memorare triumphos,
Et quanta en Cruce sit gloria parta tibi.
Vexillum Christi gestas Lusæque phalanges
Barbara adhuc illo vincere signa valent.
Ocyus ad Christum redeat gens tota : Salutem
Hinc sperare datum est, hinc decus et patriæ.

† *Dominicus Archiep. Tyrensis*
Ad Aulam Ulyssiponensem Nuncius Apostolicus.

A S. ANTONIO

Scitote quoniam mirificavit
Dominus sanctum suum.
PSALM. IV, v. 4.

NON recedet memoria ejus, et nomen ejus requiretur a generatione in generationem. Sapientiam ejus enarrabunt gentos, et laudem ejus enunciabit Ecclasia.

Date nomini ejus magnificentiam, et confitemini illi in voce labiorum vestrorum, et in canticis labiorum et citharis.

Eccl. cap. XXXIX, vv. 13, 14, 20.

Braga, junho de 1895.

† *Antonio, Arcebispo Primaz.*

S. ANTONIO

ENTRE as differentes grandezas, que exaltam e nobilitam a natureza humana, nenhuma ha tão apreciavel e ao mesmo tempo tão duradoura, como a santidade. A mais apreciavel, porque é difficil e, por conseguinte, rara; demanda uma coragem, que é attibuto de poucos, a coragem dos sacrificios: a mais duradoura, porque assenta sobre a virtude, que é a medida dos homens e de sua obra.

Quando a ultima hora bate e um tumulo se fecha, poderá dizer-se: — era um homem de talento, um homem de genio; mas, para que o nome se lhe inscreva na lista dos grandes, é preciso accrescentar: — era um homem de virtude. A virtude é o bem; o bem é lei da consciencia, é a nobreza do coração, é o fim da vida e o penhor da eternidade; é, portanto, o fundamento da mais apreciavel e duradoura das grandezas, o fundamento da santidade.

Na hora presente, celebra o orbe catholico uma d'essas grandezas, que não é, certamente, a menor de todas ellas; e, emquanto as differentes Nações levam para a commemorarem um só motivo, — o de christãos, — impelle-nos a nós para isso um outro muito ponderoso, — o de portuguezes. —

Christãos, celebramos uma das maiores glorias do Christianismo; portuguezes, honramos uma das grandezas da nossa terra, coéva com ella, e que está representada em um humilde franciscano, conhecido no mundo pelo nome de Santo Antonio de Padua, e que nós denominaremos — Santo Antonio de Lisboa. — Prasa aos Ceus, que da festiva commemoração que breve ha-de realisar-se em honra do glorioso Thaumaturgo, derivem os mais beneficos e salutares fructos a bem da Religião e da Sociedade.

Junho de 1895.

† *A. Arcebispo-Bispo do Algarve.*

SANTO ANTONIO ENTRE OS PRIMEIROS PRELADOS

NÃO seria tão famosa a gloria de Portugal se tão sómente tivesse dado ao mundo exemplos de valor e de heroismo.

Embora as outras nações vissem com admiração, e assombro esta pequena e mais occidental parte da Europa triumphar de seus inimigos tantas, quantas vezes os combateram, e dilatar tanto seus dominios além dos mares,

enchendo o mundo com a fama de suas victorias.

Seria comtudo incompleta sua gloria, se Portugal não apresentasse um homem, que na epocha de corrupção soubesse com seus nobres esforços triumphar de si mesmo, e servir de exemplo aos outros homens no caminho do verdadeiro progresso.

O seculo 12 tão notavel nos fastos da nossa historia, que nos seus principios viu lançar em Ourique os fundamentos d'esta nobre Monarchia, foi elle, que em seus ultimos dias viu nascer um homem prodigioso, que illustrou a Religião com suas luzes, e honrou a fé com suas virtudes, e que na sua passagem sobre a terra se mostrou admiravel por essa eloquencia d'obras, que como a dos Apostolos, falla todas as linguas, e é entendida de todas as intelligencias, que leva a convicção a todos os espiritos, move, e arrasta todos os corações.

Antonio é o seu nome, virtude, sciencia e zelo, eis o seu elogio, e a historia de sua existencia sobre a terra.

A virtude plantada em seu coração pela mão do Eterno, cresceu rociada com os orvalhos do Céo, e robusteceu animada pelo fogo da caridade.

Sem Antonio apenas Portugal teria sido grande nas armas, e aos olhos do mundo, mas com Antonio é igualmente grande nas virtudes e aos olhos do Céo.

Não é o marmore lavrado, nem o polido bronze que recommenda os mortos aos louvores da posteridade. A gloria humana é luz de alguns momentos, brilha alguns instantes, mas o tempo desfaz os epitafios gravados á custa do cinzel no rijo marmore, o esquecimento toma conta de sua lembrança, e na pompa terrena dos monumentos acaba, e apaga-se para sempre todo o esplendor d'essa gloria, se a virtude não corôa sua memoria, e a Religião não consagra em diadema de vida eterna a celebridade, que debalde se procura perpetuar nas estatuas.

Na presença de Deus, e aos olhos da Religião só é verdadeira e solida a grandeza, que resulta da virtude, filha do Céo.

E' que só a virtude, e o talento são atravez dos seculos as unicas estrellas inapagaveis.

Consagremos pois na doce memoria de tantas virtudes mais um dia de gloria aos triumphos do christianismo, mais um dia de religiosa veneração ao heroe, que as praticou sobre a terra.

Portalegre, 5 de junho de 1895.

† *Gaudencio, Arcebispo Bispo de Portalegre.*

AVE, THAUMATURGO!

(SONETO-ACROSTICO)

A ntonio, ó *Sol nascido no Occidente*,
V aidades, honras, glórias desprezando,
E ncerras-te no claustro; e lendo e orando,
L ornas-te sabio e sancto surprehendente.

H eroe da charidade, o zêlo ardente
A o martyrio te induz; porém, — 'storvando
U m tal designio o céo, — vais espalhando
M ilagres mil do teu verbo eloquente.

T *rca do Testamento* incomparavel,
H emeroso *Martello de heresias*
A m dia te chamou voz respeitavel.

U resôem teus louvores n'estes dias!
R ere o teu Centenario memoravel
G o prazer sancto, as puras alegrias!
O !

Evora, 2 — Junho — 1895.

† *Augusto, Arcebispo d'Evora.*

OS AMORES DE SANTO ANTONIO

O amor intensissimo, com que a alma virginal de Santo Antonio amava a Jesus, emparceirava-se a mais terna devoção, o mais acrisolado affecto de filho humilde, pela Immaculada Virgem Maria Nossa Senhora e Nossa Mãe celeste.

Nas tradições gloriosas da benemerita Ordem Franciscana constitue o seu mais formoso brazão a inabalavel firmeza de crença no dogma da Immaculada Conceição de Maria, e a fidelidade com que sustentou sempre este ponto de doutrina nas suas escolas theologicas, de que Santo Antonio foi o primeiro mestre.

Presenceou este seculo, o actual, em que a Nação Portugueza pela primeira vez commemora um centenario do nosso inclyto Thaumaturgo, a solemne definição dogmatica da Immaculada Conceição de Maria; e que nos resta?

Se os amores vehementes de Santo Antonio de Lisboa, depois do seu dulcissimo Jesus, eram Maria Santissima, tinha elle tambem a mais viva fé pelo mysterio da sua Assumpção gloriosa e coroação no reino dos Céos.

Aspirava com todo o fervor da sua extraordinaria piedade pelo abençoado momento em que esta nova definição dogmatica viesse engastar mais uma pedra preciosa de finissima agua no refulgente diadema da Rainha dos Apostolos.

Esta crença tradicional da Egreja, de cuja firmeza tambem se gloriam os humildes filhos do grande patriarcha d'Assis, estando-lhe consagrado o dia 15 do mez d'agosto em que se

celebra este sublime mysterio da Virgem Mãe de Jesus, incidindo no proprio dia do nascimento do portentoso Antonio a quem se revelou, e cujo 7.º centenario commemoramos, ouvidas as supplicas de tão egregio advogado, será definida e proclamada, assim o crêmos, pela Auctoridade Suprema do Orbe, quando o Divino Espirito Santo o tiver designado.

Eram estes os votos, a aspiração constante e a *voz de Santo Antonio;* e são estes egualmente os nossos ardentes desejos, a nossa fé e a nossa esperança.

Bragança, 25 de maio de 1895.

† *José, Bispo de Bragança.*

UM DEVER

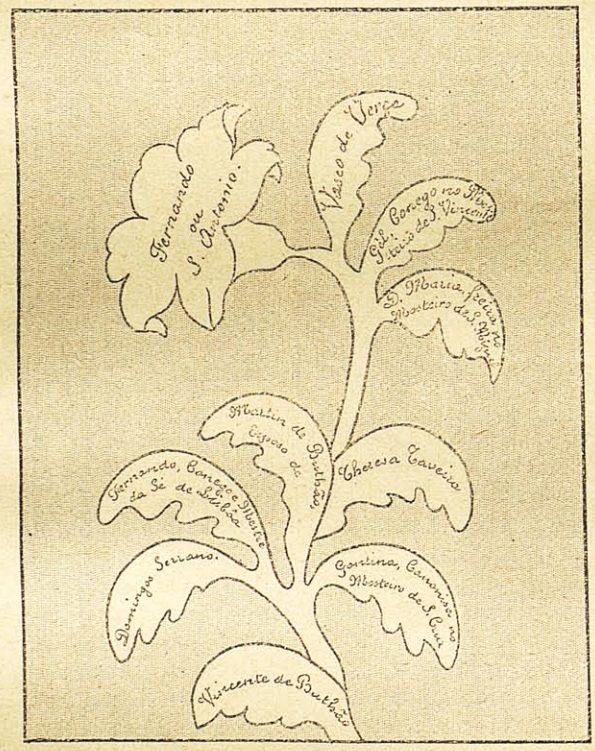
NA historia ha paginas grandiloquas, que se impõem á nossa admiração.

Acabo de lêr uma d'essas paginas de gloria, devida á penna brilhante de Antonio, que, anteriormente, a havia traçado, á luz da verdade, no pergaminho da virtude.

O presente Centenario é a transcripção d'essa pagina; transcrevel-a é um dever, porque as lições da historia, quando brilhantes, instruem, moralisam e levam á pratica do bem.

Braga.

P.e Roberto Maciel.



Arvore genealogica de S. Antonio.

S. ANTONIO DE LISBOA

ENTRE os homens do passado a quem a nação portugueza presta homenagem e exalta como gloria propriamente sua, eleva-se o vulto magestoso d'um frade Franciscano, vestido de burel, cingido com uma corda, mas verdadeiramente grande, verdadeiramente sublime. Este vulto avoluma-se como gigante, e ergue-se como astro de luz em regiões elevadas, na maior preeminencia, acima das grandes constellações que resplandeceram no nosso Portugal. Como se em si reunisse toda a gloria do seu paiz, assignala em nações estranhas o nome da patria que lhe foi berço, escrevendo com caracteres bem vivos a alteza dos nossos brios, a grandeza, o valor dos nossos heroes.

As aves altaneiras não soltam vôo limitado, no desdobrar das suas azas alcançam regiões infindas, assim o glorioso Antonio no certamen da sciencia assignalou bem, lá fóra, a grandeza do povo luzo ante aquelles que, julgando-nos na infancia, foram forçados a admirar-nos gigantes.

Se é possivel vêr-se n'um só homem toda a gloria d'um seculo, Portugal vê em S. Antonio toda a sua gloria no seculo XII.

Antonio não é só um Santo, a quem adornaram peregrinas virtudes, é um sabio a quem

as escholas respeitam, e as illustrações prestam homenagem. Aquelles que receberam as lições do seu saber exaltam o paiz que tanta gloria produziu. S. Antonio na cultura das sciencias, embebendo o seu espirito em oceanos de luz, enriqueceu a sua alma com as joias da virtude.

Como o perfume d'açucena era a sua candura, como a belleza do lyrio era o seu saber.

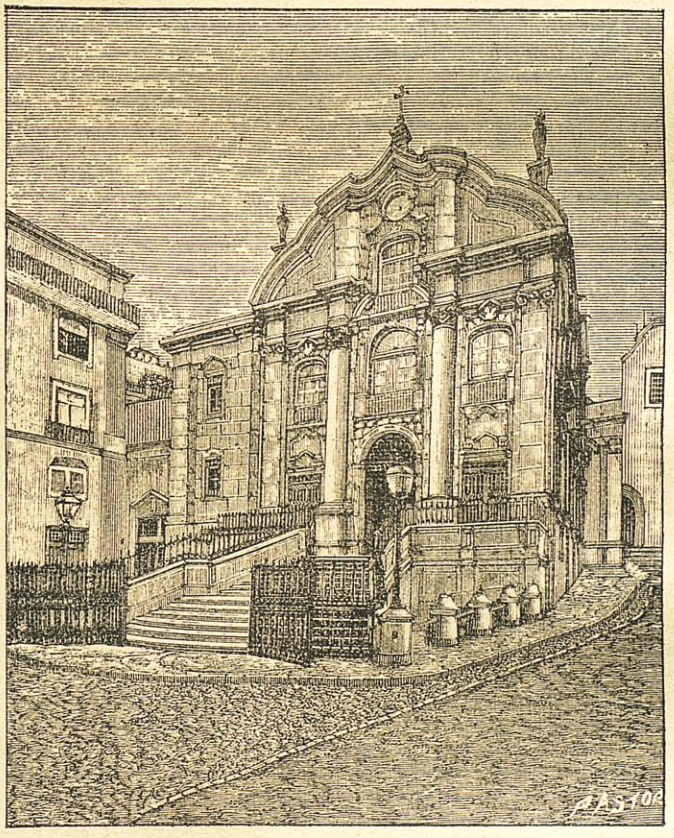
Attrahia com as suavidades da virtude, e encantava com os esplendores da sabedoria.

Guialdo não encontra audacia na sophistica, nem vigor na dialectica, curva-se ante o saber de S. Antonio, e adorna-se com as sublimes galas da fé.

E Tolosa viu confundido o erro desfazendo-se ante os esplendores da verdade.

Era David prostrando o gigante.

Vivendo em um seculo em que a sciencia, esclarecida pela fé, começava a vivificar os espiritos, S. Antonio alcança-lhe toda a sua grandeza, e encontra no poder imperioso da sua palavra, enriquecida de luz divina, força e vigor



Palacio dos Bulhões, onde nasceu S. Antonio, hoje Egreja.

para debellar a heresia e vencer a ignorancia.

E' que a palavra divina annunciada por um Santo produz na ordem moral os effeitos admiraveis do *fiat* da creação.

Ardendo em zelo pela gloria do seu Deus, só procura ganhar em seara ampla e vasta colheita farta e abundante.

E sem que tema o poder do forte, erguese, abate o oppressor confundindo-o na sua soberba. Ezellino, o flagello da Italia, treme de susto ante o vulto magestoso d'Antonio, e rende-se vencido ao poder magestoso da sua palavra.

Era Moysés abatendo a dureza de Pharaó. S. Antonio excedeu na grandeza a mil heroes, nas glorias do infinito ergueu o seu throno, por isso, com justiça, incendidas nos ardores da fé, ao cabo de sete seculos, as gerações d'hoje véem rendidas prestar-lhe homenagem, porque S. Antonio resplandece sobre a terra como luz que enche o mundo todo. — *Vós estis lux mundi.*

Lisboa.

F. M. Alçada de Paiva,
Prior de S. Nicolau.

LINGUA DE OIRO

AOS ILLUSTRES REDACTORES DA «VOZ DE S. ANTONIO»

Mais que de oiro a sua lingua, a lingua impetuosa
Do Rouxinol do Tejo humilde e sapiente,
O choro convertia, a lagrima candente,
Em riso festival, em prece radiosa.

Se, ás vezes, oh insania! a dura e fria gente,
O Santo repellia, infame e orgulhosa:
Antonio, lingua solta, a fronte luminosa,
A' beira mar prégava ao peixe obediente!

E essa lyra do Amor, essa harpa enamorada
Que aos povos decantou, em melica toada,
As graças perennaes do Martyr do Calvario,

Ao tempo resistiu; e inteira e opalina
Parece, assim o diz a turba peregrina,
Ainda hoje vibratil no santo relicario.

Braga, Maio 1895.

P.e M. Guimarães.

UM REVOLUCIONARIO!

Os nossos patricios, *Pontifices Maximos* das doutrinas sociologico-materialistas em Portugal, com suas vistas agudas, descubriram atravez da poeira dos seculos, que S. Antonio era revolucionario! Eu, pobre ignorante e ingenuo, que nunca fui capaz de me convencer, que alguem de bom senso arriscasse o seu nome affirmando em letra redonda coisa que assim não fosse, pasmei ao vêr espalhar-se esta nova por esse jornalismo revolucionario.

Sempre tive na minha mente, desde que entrei no uso da razão, que S. Antonio era um Santo de muitos milagres, e que nunca fôra revolucionario nem percursor de revolucionarios, isto é, de inimigos da Igreja!!

Mas onde foi elle revolucionario? Em Lisboa, quando era menino do Côro? Talvez o diabo o quizesse isso, mas o Santo fez-lhe uma Cruz com o dedo n'uma parede, Cruz que ainda alli se admira, e o diabo fugiu sem o revolucionario. Seria em Padua, quando em catadupas de eloquencia derramava torrentes de luz sobre a cidade, convertendo peccadores aos milhares? Seria em Tolosa quando obrigou uma mula a ajoelhar deante do Santissimo Sacramento, sendo isso motivo de uma multidão de conversões, entre as quaes a do presumptuoso Guialdo, chefe dos livres-pensadores d'então? Talvez! Um animal ajoelhar deante de um hostia consagrada, e isto á voz imperativa de um homem, é uma verdadeira revolução na natureza! Seria quando na presença de Gregorio IX, que o chamou a *Arca do Testamento,* se fez ouvir por milhares e milhares de homens de todas as nações, e todos o intendiam na sua lingua propria fallando elle na toscana? E' outra revolução na natureza, sem duvida entravam os mesmos sons articulados na orelha de cada ouvinte e transformavam-se glotticamente n'outras ao chegarem aos centros auditivos!

Seria ainda, quando por não ter auditorio attento, e em vez d'isso inimigos, obrigou os peixes do mar a ouvirem-no com toda a attenção, respeitosos e humildes como se fossem racionaes? Sem duvida esta é das maiores revoluções! Não commoveu só a terra, commoveu os mares e todos os seus habitantes; enfileirados ordenadamente, grandes com grandes, pequenos com pequenos, deitaram cá para fóra cabeças e guelras, com espanto dos Céos e da terra!!

Ah! Revolucionarios d'estes! Muitos, Senhor!!

Confessai, meus caros revolucionarios, que aquillo em que o Santo abundava, era n'aquillo em que nós escasseiamos mais: fé, esperança e caridade. Se nós tivessemos um decimo d'aquellas tres virtudes que em tão alto grau possuia, então é que nós eramos uns grandes revolucionarios em Portugal. Veriam como a Caixa Publica se administrava, as bancarrotas desappareciam, a subordinação tornava, a moralidade florescia, o bem geral nos visitava, e Portugal tornava a ser o que foi e mais do que foi.

O' meu querido Santo, perdoa-me a familiaridade com que a ti me dirijo, leva-m'a á conta de patricio e de amigo, mas ouve-me, porque tu tens attenções com todos. E's poderoso deante de Deus: pede-lhe lá onde estás que nos mande cá para Lisboa muitos revolucionarios como tu; e se Jesus, indignado com tantos crimes nossos, não acha meio de transitar da justiça para a misericordia, oppõe-lhe os teus pergaminhos, de Santo, os teus merecimentos, o proprio amor que Elle te tem, e dize-lhe que quem te deu poder de revolucionar os mares e os brutos póde tambem suscitar homens em Portugal que o salvem rehabilitando-o para a Igreja e possa depois exclamar: *Satiaber cum apparuerit gloria tua!*

Dr. A. Mendes Lages,
Medico do Hospital de S. José, em Lisboa.

Vem do alto celeste favonio
Sussurrando na terra e no mar:
Cantem homens seus hymnos a Antonio,
Que estão anjos no céo a cantar.
Rosas, lirios, violas e palmas,
Figurae-lhe ás virtudes trophéo;
A'quella alma, modelo das almas,
A'quella alma, transumpto do céo.

Sim; n'essa alma das almas modelo,
Qual n'um ramo se enfeixa um jardim,
Uniu Deus do apostolo o zelo
ao amor do maior seraphim.
Com a penna dos sacros Doutores
A assucena de Virgem lhe dá,
E de um lento martyrio em rigores
Do martyrio o laurel trocará.

Ao Archanjo, dos Lusos Patrono,
Quando Deus disse: «Esta alma te dou»,
Palpitou Dom Affonso em seu throno,
E Francisco em Assis palpitou.
Desceu ella a teu seio, ó Taveira,
Nobre sangue a animar dos Bulhões,
P'ra ganhar, em gloriosa carreira,
Ao céo almas e á patria florões.

Com Antonio, dos Lusos a fama
'Té aos indios sertões vae chegar:
Onde as quilhas não chegam do Gama,
Nem a lyra do Vate sem par.
Voraz tempo, que faz seu espolio
Dos padrões do mais celebre heroe,
D'este santo o eternal capitolio
Em edade nenhuma destroe.

Portugal, quando em tua corôa
De outro tempo o esplendor se eclypsar,
Quando chore perdidas Lisboa,
Gloria interna e gloria além-mar:
Terás sempre a luzir este brilho,
Terás sempre a valer este bem,
E, apontando ás nações um tal filho,
Das nações remirás o desdem.

Deus, dispondo a seus santos o preito,
Ao ensino do mundo attendeu;
E se Antonio é p'r'o mundo proveito,
O proveito maior seja o teu.
Patria minha que, em calculo erroneo,
Dás a fé por vaidoso ouropel,
Aproveita as riquezas de Antonio,
Diamante envolvido em burel.

Cruz e lirio, piedade e pureza
E' o programma, que o Santo te dá.
Elle fez sua rara grandeza,
Elle a tua grandeza fará.
Se o progresso, que ufano alardeias,
A' fé santa fizeres leal,
Se pureza lhe infundes nas veias,
Serás grande outra vez, Portugal.

Lisboa, junho, 1895.

P. Joaquim José d'Abreu Campo Santo, S. J.

CONVENTO DE S. ANTONIO DOS OLIVAES

Foi a este convento que se dirigiu S. Antonio, quando passou de rico frade cruzio para humilde e pobre franciscano. Os religiosos franciscanos haviam edificado em 1217 ou 1218 um conventinho muito pobre, junto a uma capella que a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, possuia, proximo a Coimbra, entre uns olivaes; d'onde lhe veio o nome de Convento dos Olivaes.

Esta capella tinha a invocação de S. Antão, que se mudou para a de S. Antonio depois da morte do Thaumaturgo. Foi aqui que se agasalharam S. Otho e seus 4 companheiros martyrisados em Marrocos, quando se dirigiam para esta missão.

Em 1247 passaram os religiosos para o Convento de S. Francisco o Velho, que se acabava de edificar; mas nem por isso o povo perdeu a devoção com o Convento de S. Antonio dos Olivaes. Em 1539 os franciscanos da Provincia da Piedade, auxiliados por D. João III, e D. Alvaro da Costa, reedificaram o dito convento; e por esta occasião foi convertida em Casa do Capitulo a cellinha terrea e estreita que tinha sido habitada por S. Antonio.

Em 1835 foi trocada esta veneranda memoria do glorioso S. Antonio, *em papeis de credito desacreditados*, que ninguem queria com o desconto de 90 por cento. Em 1851 ardeu completamente. Apesar d'este sinistro ainda a Egreja e Convento dos Olivaes é digna de ser vista e admirada. A entrada é guarnecida de capellas com os passos mais tocantes da paixão do Senhor. Dá entrada para a Egreja um portico de architectura antiga, de volta ogival, que se suppõe ter pertencido ao primitivo convento. De um e outro lado d'este portico, se lê um elegante elogio que compoz, e fez gravar, a S. Antonio, D. Fr. Antonio de Serpa, Bispo de Cochim.

A sachristia é pequena mas muito bonita; com vistosas pinturas a fresco e varios quadros representando passagens da vida do Thaumaturgo. Segundo a fama, ha tambem n'esta sachristia o verdadeiro retrato de S. Antonio, tirado em Padua pouco antes da sua morte; e um quadro representando S. Antonio a tomar o habito, obra de Paschoal Parente, e de muito merecimento. Na sachristia guarda-se (segundo dizem) a cabeça de S. Antão e outras reliquias de Santos.

A cêrca tem varias capellinhas e do alto d'ella se gosa um bello panorama.

Este sitio ainda é muito concorrido e ha aqui as festas de N. Senhora das Dôres, do Espirito Santo e de S. Antonio.

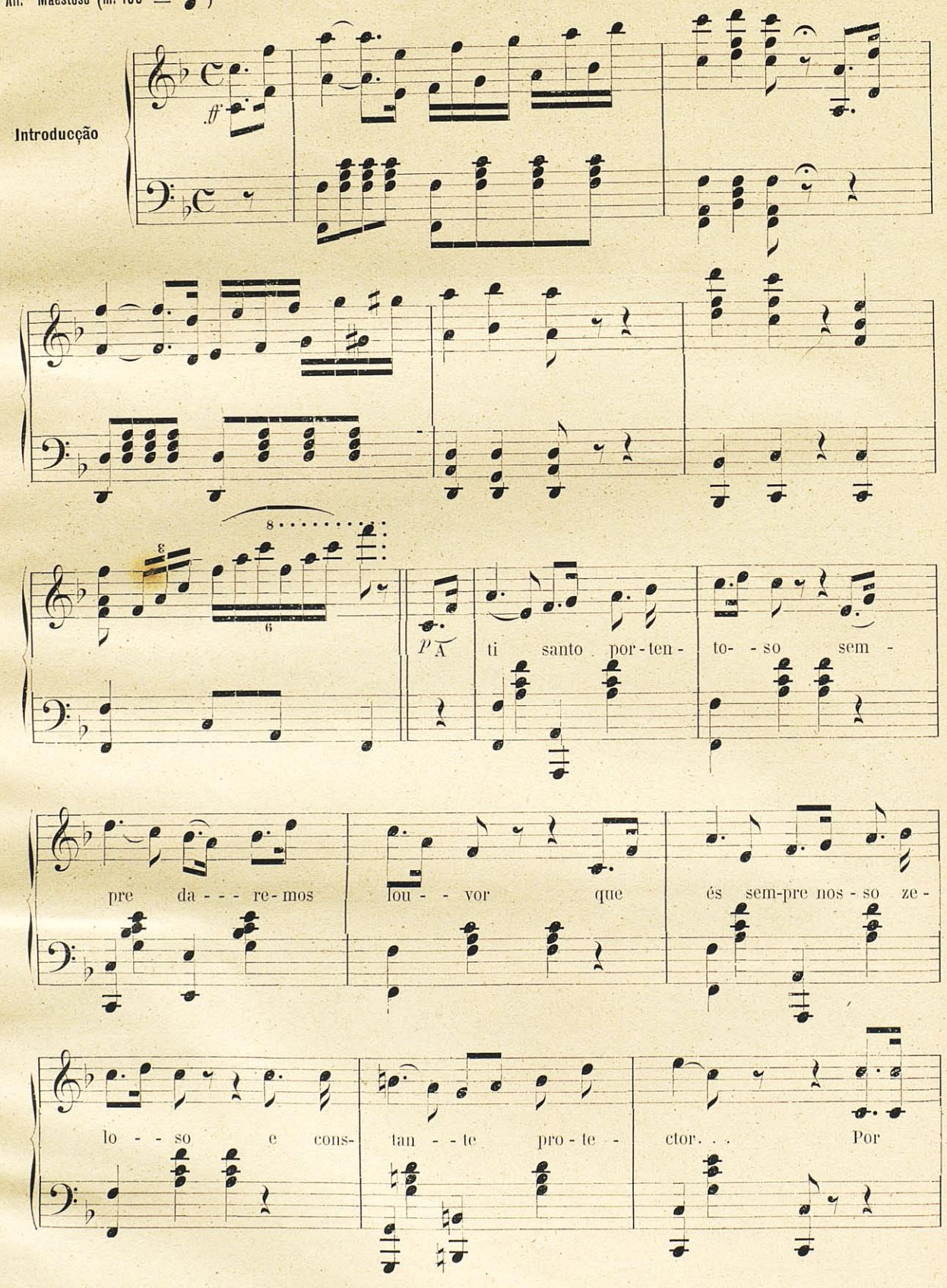
X.

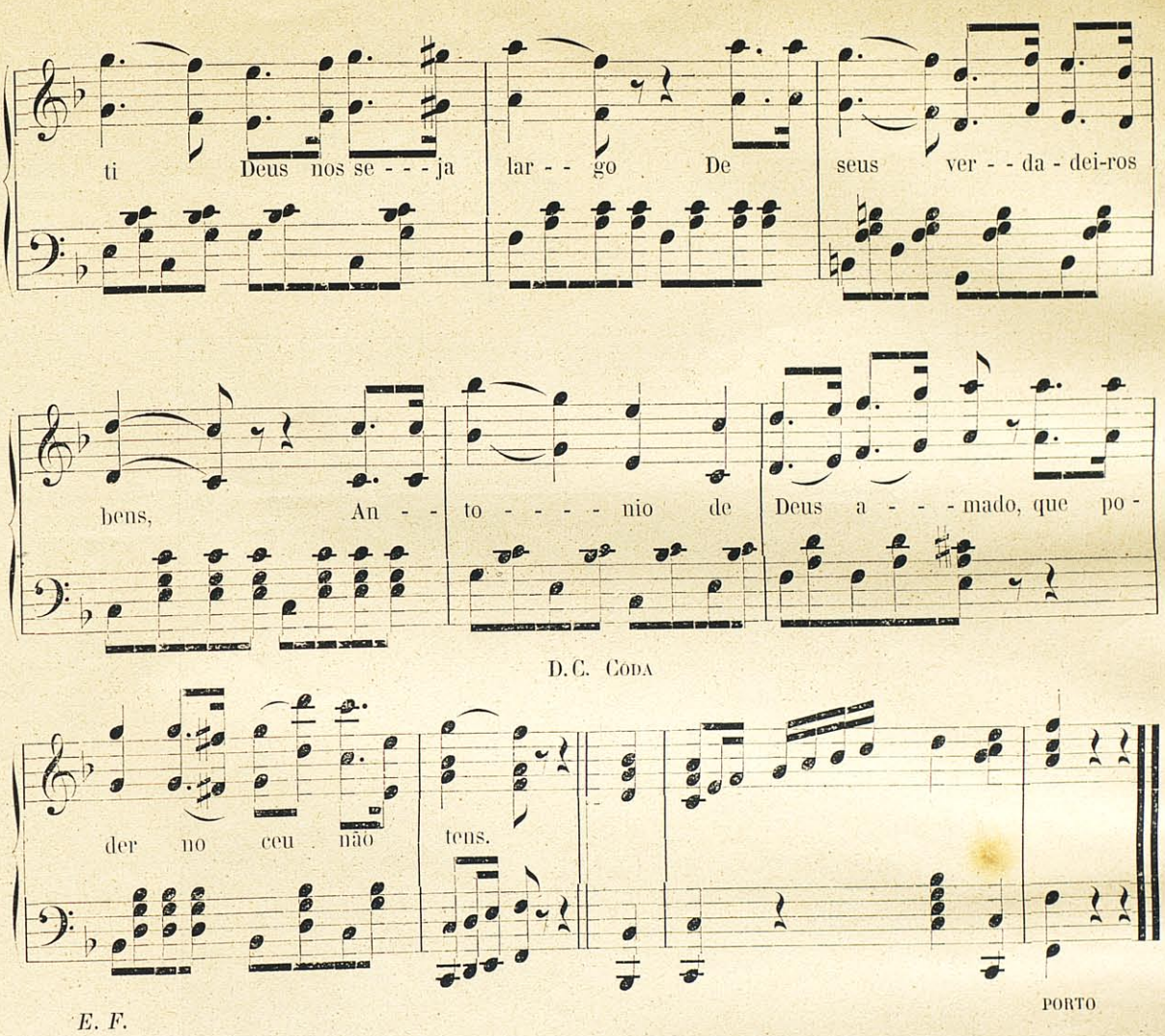
Hymno a Santo Antonio

MUSICA POR ACCACIO KELLER

All.º Maestoso (m. 100 = ♩)

Introducção





2.º

O' Santo a quem Deus concede
fazer o perdido achar,
por nós a Deus intercede,
que estamos a desviar!
Vê nossa crença em perigo,
a moral a se alterar!
Antonio de Deus amigo,
faze-nos a Deus achar.

3.º

São milagrosos teus passos,
admiravel teu poder,
mas vêr Jesus em teus braços,
é para os céos surprehender.
Tal dita não pretendemos;
só por tua intercessão,
Antonio dá que guardemos
a Jesus no coração.

SAINT ANTONY

«God» says the Psalmist «is wonderful in His Saints»; and the greater their works, and the purer their lives, the more magnificently are displayed the power, and the glory of Him, by whose grace they attained so exalted a degree of perfection. Now of all the Saints of God; of all that blessed throng of Patriarchs, Prophets, Apostles, Martyrs, Confessors and Virgins, who worship round the «Great White Throne» — few there are, in whom shine forth more brilliantly, the power, goodness, and mercy of the Almighty, than in that amiable, loving, and lovable Saint whose seventh Centenary we celebrate on the 13th of this month...

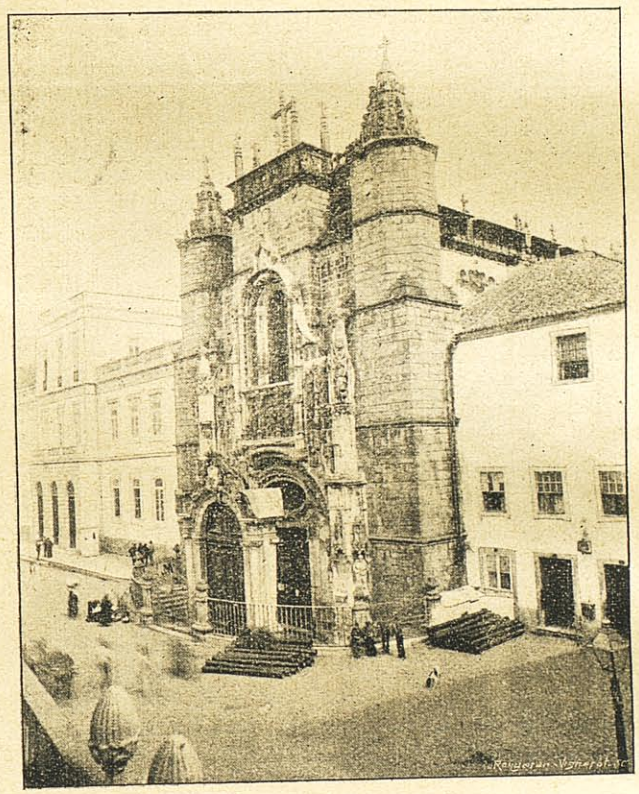
Sé Cathedral de Lisboa, onde S. Antonio serviu de menino do côro

God's church upon earth is often compared to a garden. Spiritual writers often speak of it as the «Garden of the Lord». The Catholic Church is indeed the fairest of gardens, and all that lies outside of it, is arid desert, and tangled forest, and trackless waste. The souls of those born within the pale of the true church, are the seedlings that are sown in this garden of the Lord, where the soil has been fertilized with the blood of Martyrs; where God's graces fall «as the gentle dew from heaven», and where the sunshine of His divine love warms, and cheers, and fills the christian soul, as never April sunshine swelled the heart of earthly flower.

Beautiful indeed and varied are the flowers that bloom in this lovely garden, this second Eden, planted upon the earth. Chiefest of all comes Mary, fairest and sweetest of human flowers.

«Mystical Rose by God's own hand,
Planted upon Judea's Land»

And round about her bloom flowers of every hue. Some like St Agnes or St Aloysius, pure as the snow-drop; some as St Cyril blooming full soon with love of God like the frail, flaming crocus in the spring-tide. As we pass in review this fair galaxy, there is one that attracts our attention in a very special manner. His brown habit and snow white cord announce him to be a son of St Francis. Fain would be hide himself — fain would he fly the gaze of men, for Humility is his darling virtue. Like the modest little violet, which, far away down in the sequestered nook of some silent valley, hangs its head as if for shame, and seems loath that its charms should be revealed, but is known by the sweet odour it spreads around; so this poor Franciscain Friar, this humble little plant in God's own garden attracts the notice it would fain avoid; is exalted by reason of its very Humility; by its diffusing all around the sweet aroma of its virtues.



Egreja do mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, onde viveu S. Antonio

Who then, you will ask is this dear, this hidden Saint? oh! — «Dicant Paduani» — Or rather name him ye, who ever boast of your dear little saint of whom you never asked a favour in vain; or you, ye sons of old Lusitania, name him — name him — whom you love to call, with legitimate pride, your own «Santo Antonio» of Lisbon.

True it is that Italy bears the high honour of having been the principal field of St Antony's labours, and the scene of his holy death; but Portugal possesses the no less proud distinction of counting him among her sons. For, St Antony, commonly called «of Padua,» hails from the Iberian shore, having been born in the gay capital that lies where gray old Tagus rolls on to the sea.

It is not our intention to speak here at any length on this great Saint. The life, virtues, miracles; the great, great sanctity of St Antony, are things so familiar to us all, that to repeat them were quite unnecessary Besides we leave that task to more gifted, to more worthy pens. There is perhaps no single one, or but few of the blessed inhabitants of the Heavenly Jerusalem, more universally honoured, more tenderly loved or more confidently invoked, than St Antony of Padua.

Wherever the Catholic church counts a congregation — there St Antony is honoured and invoked, but with a devotion that has, so to speak, something more of the heart in it than that paid to other Saints. All over Catholic Europe, in Spain, Italy, France, down Alpine glens — in the quiet villages that lie along the castled Rhine; away in green «Erin of the Sea» in North and South America, as well as in distant Australia, St Antony counts numerous and devoted «protegés». Here in the dear land that gave him birth, devotion to St Antony is, as it were, the indigenous growth of the soil. The little infant, in its mother's arms, learns to lisp after the sweet names of Jesus and Mary that of St Antony. This devotion to his dear Patron Saint is as natural to every true Portuguese, as is his love and devotion for the land of his birth. It is but just that it should be so. We, for our part, pray, that so it may ever be. Portugal has distinguished herself on many a field, and the history of her past deserves to be written in letters of gold. But of all her glories, none is above that of her having been the cradle, the fond mother-land, of the great St Antony, of that great saint; great with the greatness which virtue alone can bestow; great because he was so profoundly humble.

All over the Christran world the Festival now at hond is associated with hope and joy, peace and gladness. But nowhere are these beneficent influences more clearly visible, than in this fathful old catholic land whose proud

privilege it is to have been the birth-place of St Antony. That this coming Festival may bring peace and blessings to every Portuguese home we fondly pray. That it may be such as will be the forecast of those yet to come, when the strifes and the conflicts of to day shall be forgotten and when through the powerful intercession of St Antony the full light of religious and social freedom and prosperity shall shine upon this his loved mother-land, we sincerely hope. Let us, at all events, take the resolution, te pray during these Festivities of St Antony's Centenary, for the wants of the Church, especially in Portugal. Let us ask Almighty God through the intercession of His Servant St Antony to bless and prosper the progress of religion in this country: to restore, again to Portugal her ancient Religious Orders: to bless and prosper the devoted and zealous members of the Order of St Francis: to give to Portugal and her colonies, holy priests and zealous Missionaries. Let us also, look into our own hearts and endeavour to excite therein, the spirit of prayer, of purity, of humility, of loving trustfulness in the infinite mercy of God — virtues of which St Antony has set us so beantiful an example — and we may rest assured, that as we bow before the altar on the feast of the 13th June, and as the incense floats heavenwards and the glad glorias of the anointed of the church herald the coming of the Saviour, our supplications for grace, and strength, and blessings, will be heard, and will be answered in the golden courts of eternal joy and love, where the Cherubim and the Seraphim rejoice and render glory.

X.

A SANTO ANTONIO

A mystica vizão que te afagava
Na cella austéra, em horas de ventura,
Que elevava a tua alma — enorme vaga —
De encontro á rocha — o Ceo — a grande altura.

Ah! por certo que não te abandonava
Um só instante, em placida doçura:
Sol que, a cada momento, irradiava,
Innundando em fulgôr a cella escura.

Oh! cinge-me tambem na hora extrema
Para que, firme e crente assim não têma
Do transe derradeiro a amarga dôr!

Dá-me a luz do teu nimbo aurifulgente,
Bem como quando na vizão ridente
Te abraçava o Menino-Redemptor.

Braga, junho de 1895.

Vicente Novaes.

SANTO ANTONIO

Καὶ πολλοὶ ἐπὶ τῇ γενέσει αὐτοῦ χαρήσονθαι.
Et multi in nativitate ejus gaudebunt.

ST. LUC. cap. I, vers. 14...

Τὸ μὲν τόινυν, ὦ ἄνδρες, πρὸς τὰ τοιαῦτα ὀκνηρῶς διακεῖσθαι, ἃ δεῖ τοῖς σώμασι καὶ τοῖς οὖσι λειτουργῆσαι ἕκαστον, ἐστὶ μὲν οὐκ ὀρθῶς ἔχον, οὐδε πολλοῦ δεῖ. Τὸ δὲ μηδ' ὅσα ἀκοῦσαι δεῖ; μηδ' ὅσα βουλεύσασθαι προσήκει, μηδὲ ταῦτ ἐθέλειν ἀκούειν, τοῦτ' ἤδη πᾶσαν ἐπιδέχεται κατηγορίαν: ραθυμεῖτε, καὶ τοιγαροῦν ἐκ τῶν τοιούτων ἐθῶν μόνοι των πάντων ἀνθρώπων ὑμεῖς τουναντίον τοῖς ἄλλοις ποιεῖτε. Οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι παντες ἄνθρωποι πρὸ τῶν πραγμάτων εἰώθασι χρῆσθαι τῷ βουλευέσθαι, ὑμεῖς δὲ μετὰ τὰ πράγματα.

Ὃ δή λοιπόν ἐστι, καὶ πάλαι μέν ἔδει, διαφεύγει δ' οὐδὲ νῦν, τοῦτ' ἐρῶ. Συμβέβηκε δ' ἐυτυχήματα ἀπὸ ταύτομάτου, οἷς ἂν χρησώμεθα ὀρθῶς, ἴσως ἂν γένοιτο τὰ δέοντα. Ἐρῶ δ' ὑπὲρ των ἐν χρεία δοκούντων εἶναι πρότερον. Περὶ οἳ πανυ, μέν φο βουμαι λέγειν, ὀν μὴν ἀλλ' ἐρῶ. Οἶμαν γὰρ ἔξειν καὶ ὑπέρ τῶν ἀπόρων τὰ δίκαια ἐπὶ τῶ συμφέροντι εἰπεῖν πρὸς τοὺς εὐπορούς, και ὑπερ τῶν κεκτημένων τὰς οὐσίας πρὸς τοὺς καταδεεῖς. Ἡ τύχη καλῶσ ποιοῦσα, πολλὰ πεποίηκε τὰ κοινά και προφάσει χρώμεθα τοῦ μηδεν τῶν δεόντων ποιεῖν; πλὴν εἰ μή τῇ παρὰ τῆς τύχης βοηθεια γε γονυία τοῖς ἀπόροις φθονοῦμεν.

Δεῖ γάρ, οἶμαι, τοῖς γονεῦσι τον ὡρισμένον ἐξ ἀμφοτέρων ἔρανον, καὶ παρα τῆς φὺσεως καὶ παρὰ τοῦ νόμου, δικαίως φέρειν, καὶ ἐκοντα ὑποτελεῖν. Τοὺς μέν τόινυν εὐπόρους ταῦτη χρωμένους τῇ γνώμη, οὐ μόνον ἡγοῦμαι τὰ δικαια ποιεῖν ἀν, ἀλλὰ καί τὰ λυσιτελῆ. Τὸ γὰρ τῶν ἀναγκαίων τινὰς ἀποστερειν κοινῇ κακόνους ἐστὶ ποιεῖν πολλοὺς ἀνθρώπους.

Τοῖς δ' εν ἐνδεία, δι' ὃ δυσχεραίνουσ τὸ πρᾶγμα οἱ τὰς οὐσίας ἔχοντες καὶ κατηγοροῦσι δικαίως, τοῦτ' ἀφελεῖν ἂν συμβουλεύσαιμι. Ἐμοὶ γὰρ οὐδεὶς οὕτως ἄθλιος οὐδ' ὠμος εἶναι δοκεῖ την γνώμην, οὐκουν τῶν ανθρῶπων γε, οἶμαι, ἀλλ' οὐδὲ τῶν ἄλλων, ὥστε λυπεῖσθαι ταῦτα λαμβάνοντας ὁρῶν τοὺς ἀπόρους καὶ τῶν ἀναγκαίων ἐνδεεις ὄντας. Δεῖ γάρ, ὦ ἄνδρες, δικαίως ἀλλήλοις κοινωμεῖν τοὺς μὲν εὐπόρους, εἰς μὲν τὸν βίον τὸν ἑαυτῶν ἀσφαλῶς ἔχειν νομιζοντας καὶ ὑπὲρ τούτων μὴ δεδοικότας, εἰς δὲ τοὺς κινδύνους κοινὰ ὑπὲρ τῆς σωτηρίας τὰ ὄντα τῇ πατρίδι παρέχοντα. Μάλλον ἀποδέχεσθωσὰν, ὦ ἄνδρες, δικαιαν πενιαν ἡ πλουτον αδικον τουσουτω γαρ κρειττων δικαιοσυνη χρημάτων οσω τα μεν ζωντας μονον ωφελει, η δε και τελευτησασι δοξαν παρασκευαζει κακεινων μεν τοις φαυλοις μετεστι, ταυτης δέ τοις μοχθηροισ αδυνατον μεταλαβειν. Ἀσιτοσ και διψων, ω ανδρες, καρτερετε, μνημονευοσαντες οτι "ο γαρ Υιοσ τον ανθρωπου ουκ εχει, που την κεφαλην κλινη." Αντωνιος αγιος εστι των πτωχων πατερ: ω ανδρες, ελεετε τῶν ταλαίπωρων μαλιστα δε κατα την συστασιν τον Ιησους-Χριστου: "Ο εχων δυο χιτωνασ μεταδοτω τω μη εχοντι, και ο εχων βρωμάτα ομοιωσ ποιειτω."

«qui habet duas tunicas, det non habenti;
et qui habet escas, similiter faciat.

ST. LUC. cap. III, vers. 11.

SANTO ANTONIO

Santo Antonio, doce nome
da mais santa invocação,
conforto nas amarguras
da maior tribulação.

Desde a infancia, tua imagem
nos affaga com amor;
sendo sempre o teu espirito
do mais divino fulgor.

Na meninice adoramos
em throno modesto embora,
a tua imagem de santo
percursor de eterna aurora.

Nossas velas te accendemos,
ornamos-te de mil flores,
que tem os castos perfumes,
nossos primeiros amores.

A historia de teus milagres
que santa Biblia não é?
encantam todas as almas,
enchem noss'alma de Fé.

O prestigio de teu nome
que poder inda não tem!
As gerações atravessa,
sem que o impeça ninguem.

E quem impecer havia
esse teu verbo divino,
oh! filho de Deus eleito,
oh! luz do nosso destino.

A tua imagem nos segue,
nossa doce companhia
quer nos dias de tristeza,
quer nas horas de alegria.

Fazei agora um milagre
nosso Santo protector,
revivei da nossa Patria
o seu antigo esplendor.

Agora que em vossa honra
este povo portuguez
de seu santo – o centenario
sauda a setima vez;

fazei que voltem as crenças
de Portugal d'outras eras,
crenças que eram tão vivas,
crenças que eram sinceras.

Embora Padua possua
vosso corpo abençoado
— Santo Antonio, — é nosso Santo
está sempre ao nosso lado.

Costa Goodolphim.

Ill.mo e Rev.mo Snr.

PEDE-ME V. Rev.ma que exprima em breves palavras os sentimentos que me animam com respeito ao nosso inclyto Thaumaturgo, faço-o com o maior prazer e gratidão.

Desde a mais tenra infancia tomei o nosso Santo como norma da minha vida, e se, pela fraqueza humana muitas vezes tenho resvalado do trilho seguro, Antonio tem-me sempre amparado evitando-me a queda no abysmo, sendo-me como pharol no mar tempestuoso da vida. Se o pezar me assalta n'Elle encontro consolação. Se o prazer invade a minha alma, á Sua efficaz intercessão attribuo a origem: em fim, em lance algum do meu peregrinar me tem faltado com o Seu patrocinio. Que póde pois um servo dos servos de Antonio attestar mais em Sua honra! Que Antonio é tudo para todos que O procuram do coração.

Lisboa, 28 de maio de 1895.

Mutenio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena.
(C. da Redinha)

SAINT ANTOINE RESTAURATEUR DE LA PATRIE

A UNE époque troublée comme la nôtre, lorsque des mains criminelles ou imprudentes essaient par tous les moyens de saper les fondements de la société, en y détruisant les principes immortels de la religion, c'est-à-dire, tout ce qui fait la grandeur, la force et la dignité des nations... il est on ne peut plus consolant de voir un peuple tout entier tressaillir d'enthousiasme au seul souvenir d'un de ses plus grands hommes, mort, il y a des centaines d'années.

Ces hommages séculaires, uniquement réservés aux héros de l'humanité, sont une des manifestations les plus spontanées et les plus vraies de la vitalité des peuples. On a répété assez souvent et sur tous les tons, que notre cher Portugal, autrefois si grand et si respecté, était tombé bien bas et qu'il ne vivait plus que de ses gloires passées. Hélas!... ce n'est que trop vrai, et on est bien fondé á craindre pour un pays qui, cédant tous les jours au prosélytisme du mal, laisse fermenter dans son sein l'esprit d'orgeuil et de révolte: nous-même nous avons été bien des fois effrayés par cet écho douloureux de la voix d'un saint Père, arrivée jusqu'à nous au milieu des bruits sinistres de la tempête: «*Navigatio in nocte, Christus dormit, fax nulla*». Nous naviguons dans une nuit sombre, le Christ dort, pas de fanal à l'horison!... Oui, mais au milieu des tristesses et des hontes du présent, c'est avec des transports d'allégresse que nous voyons se lever une aurore nouvelle toute sanctifiée par la noble et sainte figure d'un véritable héros, d'un grand orateur, d'un savant théologien, d'un fervent religieux, en un mot du célèbre thaumaturge portugais Saint Antoine, dont le nom seul est une gloire pour l'Eglise qui l'a élevé sur ses autels et pour la patrie qui lui a donné le jour.

Aussi à cette vue nous sentons le courage revenir, nos cœurs se reprennent à espérer et nous aimons à nous rappeler cette parole si profonde de Bossuet qui paraît devoir se réaliser une fois de plus pour notre cher et bien-aimé pays: « *quand Dieu veut faire voir* « *qu'un ouvrage est de sa main, il réduit tout* « *à l'impuissance, puis il agit* ». — Oui, quand un peuple, quelque abandonné qu'il soit, trouve encore en lui assez de force pour glorifier ses héros en se pénétrant de leurs exemples et en les proposant pour modèles à la génération actuelle, on doit croire que l'heure de sa délivrance est proche, et on peut lui appliquer en toute sécurité ce texte de nos Saintes Ecritures « *multa apud eum redemptio* » ! Il est impossible que Dieu qui a fait les nations guérissables, abandonne à cette heure, un royaume qui a donné tant de héros au monde et à l'Eglise: c'est pourquoi nous espérons contre toute espérance, et nous saluons la nouvelle aurore, avec un enthousiasme patriotique qui n'a d'egal que notre amour pour le Dieu tout puissant qui opère de telles merveilles.

Parmi toutes les vertus que Saint Antoine a pratiquées à un degré héroïque, il en est une, ou mieux, il en est plusieurs qui peuvent se résumer dans un seul mot, nous voulons parler du *zèle ardent* qui a animé et pour ainsi dire, dévoré la vie tout entière de notre héros: Saint Antoine, tourmenté par la noble ambition de faire du bien à ses semblabes, a travaillé sans relâche à la sanctification des âmes, et par là même, nécessairement, à la grandeur et a la prospérite de son pays. Cette grande loi du travail, fidèlement observée par un simple moine, nous apparaît aujourd'hui comme une des grandes leçons qui doivent se dégager des fêtes du centenaire: cette idée régénératrice s'impose à une société légère et égoiste qui, cherchant en tout et partout la plus grande somme possible de jouissances, sans jamais rien faire et rien souffrir, semble réserver son dedain et ses sarcasmes pour la classe religieuse de ceux qui, ayant renoncé aux plaisirs du monde, ont voué leur vie entiére aux plus durs sacrifices, aux travaux les plus pénibles par amour pour leur Dieu et pour la gloire de l'humanité!

Honneur donc à ce saint religieux qui 700 aprés sa mort, élève encore sa voix éloquente, pour rappeler au monde oublieux de ses devoirs qu'il, n'yx qu'un seul moyen de sauver son âme et de glorifier son pays, c'est de *travailler* et de *souffrir* généreusement et constamment, chacun dans sa sphère, pour le bien général de sa nation pour le bien particulier des individus.

Que notre cher Portugal comprenne cette leçon et qu'il en tire un profit immédiat: alors pour recouvrer ses forces, ses richesses, sa gloire et son prestige d'antrefois, il reviendra puiser aux sources les plus pures du patriotisme, les principes religieux qui font les nations grandes devant Dieu et devant les hommes.

Avant de terminer, qu'il nous soit permis d'émettre un vœu, un seul, parmi tous ceux qui remplissent notre cœur! En cette année de 1895, la patrie reconnaissante a voulu exalter dans la personne de S. Antoine, un des hommes les plus complets qui aient paru en ce monde: qu'elle se rappelle aujourd' hui que cet homme appartenait a un de ces *ordres religieux* maintenant exclus de son sein, et qu'il ne convient pas que les sociétés religieuses qui produisent de telles merveilles soient *les seules* qui ne puissent avoir leur place sur le territoire béni qui a vu naître le grand thaumaturge portugais. Au nom de la liberté, au nom de la reconnaissance, au nom de la logique même, nous demandons aux pouvoirs constitués le rétablissement des ordres religieux en Portugal: nous le demandons aussi au nom de nos possessions maritimes, surtout au nom de notre Afrique portugaise que les religieux avaient élevé a un si haut degré de gloire et qui maintenant abandonnée aux sectes protestantes, réclame impérieusement des missionnaires pour l'arracher à la domination étrangère.

Courage, nobles fils de la belle Lusitanie!... C'est à nous de montrer au monde entier que nous sommes les dignes descendants des héros et des saints qui ont conquis l'univers parce qu'ils ont eu la perfection du vrai zèle et du véritable amour!... c'est à nous de prouver à la génération présente ce que peuvent au milieu de si pénibles circonstances des cœurs généreux et d'inébranlables volontés!... A quels plus beaux triomphes pourrions-nous prétendre?... Suivons le noble exemple de Saint Antoine: travaillons, prions, et mourons s'il le faut, pour les deux plus nobles causes qui aient jamais captivé le cœur humain, l'amour de la religion et l'amour de la patrie.

Si notre vœu se réalise, S.t Antoine aura encore une fois bien mérité de la religion, et les générations futures beniront à jamais le nom de celui qui aprés avoir été la gloire de sa patrie en est devenu le sauveur et le *restaurauteur*.

AOS OPERARIOS

ALGUNS inexperientes lançaram á publicidade um protesto adverso á *perigrinação operaria*, que no dia de hoje sobe de Braga ao Monte Sameiro.

Quem sabe! talvez amanhã protestem os mesmos ou outros que taes contra as solemni-

dades do VII centenario do famoso Padre Santo Antonio!

Como preservativo d'essa doença mental de gloriosos protestantes, movidos talvez por mão occulta, aqui formúlo em breves traços um pensamento, que me occorre no momento em que a piedosa manifestação sobe a encosta do sagrado Monte:

> Entre os encarcerados do nosso paiz se contam muitos operarios; mas, se investigardes a sua conducta anterior a seus delictos, sabereis que de cem d'esses operarios infelizes haverá apenas um só, que frequentasse os templos e cumprisse sinceramente seus deveres religiosos.

Braga, 26-5-95.

Padre Dr. Manuel Albuquerque,
Professor de sciencias eccles. no Seminario Conciliar.

MAIS UM MILAGRE

QUANDO menos se esperava, empenharam-se titanicos esforços para suspender a imponente manifestação catholica em honra de Santo Antonio.

Desastre! exclamaram muitos.

Milagre! affirmo eu.

Santo Antonio quer amortalhar os seus detractores e a ideia que os inspirou, coroando a sua ingloria tarefa com o exito dos trabalhos dos gigantes da fabula que pretenderam escalar o céo...

P.e João Affonso da Cunha Guimarães.

Convento de S. Antonio dos Olivaes, proximo a Coimbra

ANTONIUS VON LISSABON

ZUR Zeit in welcher unser Herr und Heiland Jesus Christus am Stamme des Kreuzes gestorben ist, waren fast alle Völker der damals bekannten Erde den Cäsaren von Rom unterjocht. Ihr Thron ist heute umgestürtzt und der Staub und die Asche der Vergangenheit bedeckt denselben. Es entstanden neue Reiche, bedeutende Männer gründeten mächtige Dynastien und die Völker jubelten ihnen zu. Auch diese Reiche sind verschwunden. Nur ein Reich hat sich im Laufe der Iahrhunderte immer grossartiger entwickelt, das Reich des Papstes welches über alle Länder vom Aufgange bis zum Niedergange verbreitet ist, denn Christus der Herr hat gesagt: «du bist Petrus, der Fels, und auf diesem Felsen will ich meine Kirche bauen und die Pforten der Hölle werden sie nicht überwältigen. Weil aber dieses Reich, d. i. die Kirche Gottes, eine irdische Anstallt mit überirdischem Ziel ist, so liegt es innerhalb der Veränderungen, vermöge seiner menschlichen Seite. So wird die Kirche Gottes in ihrer ausbreitung beschränkt, von feindlichen Mächten verfolgt, von den Reichen der Welt unterjocht, in ihrem Schoosse sogar herrscht Verstandesverkehrtheit und Herzensunlauterkeit.

Doch mit Gottes Hilfe durch Kampf zum Sieg ist stets die Devise der Stellvertreter Christi auf Erden. Es war aber besonders die Devise der berühmten Päpste des Mittelalters als drohte der Sturz des kirchlichen Gebäudes, als Innozens III in einer Vision die lateranensische Basilika wanken sah, doch aufrechterhalten von einem Manne und einem Orden, gleich einer Saüle. Dieser Mann war Franciscus, von der Liebe zur Armuth und dem Heil der

Seelen ergriffen. Dieser Orden war der Mendicantenorden von Franciscus selbst gestiftet, der im Jahre 1220, acht Jahre nach seiner Gründung schon 5000 Mitglieder zählte. Da sehen wir sie alle die 5000 aufgestellt wie mächtige Pilaster im Gebaüde der Kirche, wie tüchtige Werkzeuge der Reform für die Päpste, wie Bestreiter der Irrlehren, wie Sterne am Himmel die leuchten in finstere Nacht. Doch der Stern den Gott zum Leuchter in seiner Kirche machen wollte, leuchtet noch nicht als Stern unter diesen 5000, er leuchtet aber als Lampe im Heiligthum; ich rede von Antonius, als Fernandez zu Lissabon geboren. Eines Tages aber erging an ihn das Wort: «Zieh aus deiner Heimath, und Fernandez trat in den jungen Orden ein. Doch kaum hat er Profess, als Bruder Antonius abgelegt, zog es ihn aber gewaltig nach Marroco, denn er brannte vor Begierde heidnischen Völkern das Evangelium zu verkünden. Die Umstände zwingen ihn aber zurrückzukehren, diesmal nicht in seine Heimath, denn Gott hatte ihm gesagt: «Zieh aus deiner Heimath.»

So kam Antonius nach Italien. Nur betritt er zum ersten Mal dieses Land und gewiss er hatte damals nicht geahnt was dieses Land für ihn werden sollte, noch lags nicht vor seinen Augen dass, in jenem Lande sein eigner Leichnam als kostbares Kleinod ruhen werde. Antonius aber von Franciscus selbst gesendet kam nach Südfrankreich wo gerade die Albigenser die gefährlichsten aller Feinden alles Christenthum, alle Ordnung zu vernichten drohten, die Länder plünderten, die Kirchen anzündeten, alle Sacramente verrachteten, die consecrirten Hostien mit Füssen traten, die Umwohner mordeten.

Die Geistlichen und auch die Bischöfe zum Theil waren durch ihre Laster sehr verachtet und unfähig die Verirrten jurückzuführen. Antonius hatte weder Rast noch Ruh in seiner grossen Thätigkeit als Predigers des Glaubens. Er durchreiste Südfrankreich und Italien als Hammer der Häretiker, erpredigte den Glaübigen wie den Unglaübigen, den Heiden wie den Häretiker. Tausende hatten den Schooss der Mutterkirche verlassen, Tausende aber auch warfen sich zu Antonius' Füssen und baten ihn um Verzeihung und Lossprechung ihrer Fehler. Antonius war auch der Schrecken der Tyrannen. Gerade in jener Zeit herrschte ein furchtbarer Kampf zwischen Friedrich II und dem Papste. Friedrich gedachte die Freiheit der Städte und die Macht der Kirche zu brechen, die Herrschaft über ganz Italien mit dem deutschen Reiche zu verbinden, und als absoluter Monarch unbedingte Gewalt über Geistliche und Laien zu erringen; zu diesem Zwecke hatte er den grausamen Ezzelin nach Italien gesendet.

Schon hatte der blutgierige Ezzelin Vicenza und Brescia unterjocht, als er das Loos über Padua warf; Antonius aber ging dem Tyrannen entgegen, fand ihn in Verona, umgeben von einer Raüberbande dessen Anführer er selbst war. Antonius fuhr auf ihn los mit diesen Worten: «Du grausamer Tyrann, du toller Hund, bis wann wirst du das Blut der Glaübigen vergiessen.» Gedenke des Tags des Gerichts, denn er ist nahe und du wirst ihm nicht entfliehen. Da ist Antonius der grosse Portugiese der die Kranken geheilt, die verstocktesten Sünder bekehrt, die Häretiker erleuchtet, die Heiden den Finsternissen des Todes entrissen, die bösen Geister ausgetrieben, die Tyrannen bezwungen hat. Da ist Antonius der Portugiese, Stolz dieser Nation die gross ist in den Iahrbüchern der Geschichte. Möge der heilige Antonius es beschützen das Land das ihn hervorgebracht hat und immer leuchten wie ein Stern am Himmel damit wir alle Portugiesen wahrhaft als Leuchter dastehen in diesen dunklen Tagen, als Leuchten der Glaubenstreue, wahrer Aufklärung und Bildung.

H.

A Santo Antonio

(versão do Hymno de Vespera)

Para que o solo portuguez deixando,
A Africa passas a buscar martyrio?
Não terás palma; pois te está 'sperando
Candido ramo de oloroso lyrio.

Contrarios ventos mudam teu roteiro:
Prégas na Italia; mausoléo te dôa
E nome quer dar-te paiz 'strangeiro,
Mas tua patria natal é Lisboa.

No céo agora, ah! preferencia dada
Não seja a Padua pelo lar paterno:
A Nação Lusa seja sempre honrada
Co' o favor d'um filho tão nobre e terno!

Perante Deus grande valia gosas,
Estende, pois, o teu favor benigno
A ambas as gentes; a ambas faz ditosas,
Ninguem de tuas mercês seja indigno.

Deferi nossa prece, ó Pae clemente,
E ó Verbo, egual ao Pae na divindade,
Co'o Paraclito, d'Ambos procedente,
Que reinaes pela infinda eternidade.

Amen.

Porto, Fevereiro de 1895.

J. Costa.